

## Perspectivas Educacionais e Curriculares Críticas e Emancipatórias

José Bravo Nico <sup>1</sup>

### Introdução crítica

Somos, quotidianamente, solicitados a sermos. A sermos de uma determinada maneira: consumindo determinados produtos, falando determinadas linguagens, preferindo determinadas personalidades, aceitando determinadas diferenças, participando segundo determinadas formas, recordando determinado passado, sonhando com determinado futuro, assumindo determinados valores e pensando determinadas ideias.

Basta-nos não fazer, não pensar, não escolher, não existir, para existirmos. Para existirmos e sermos como é suposto sermos. No entanto, se por um lado, a nossa natural propensão para a tranquilidade e para o conformismo nos vai remetendo para uma *existência normal*, por outro lado, quando sentimos que começamos a ser aquilo que não desejamos ser, nasce dentro de nós uma *diferente* vontade de existirmos. Uma existência que, frequentemente, ocorre no exterior das balizas em que nos aconselham a existir e que, tantas vezes, por se tornar tão visível, nos remete para um estatuto de diferença. Uma diferença que não se assume como simétrica, mas que resulta de uma sensação de que ser-se, como se quer ser, é um exercício de existência que se inicia alguns degraus abaixo daquelas existências que se aceitam de forma gratuita.

Ser aquilo que se deseja e se quer ser é, nos dias que vivemos, a principal e mais difícil escolha que podemos realizar. A nossa

<sup>1</sup> Universidade de Évora.

autodeterminação nasce aqui. A autodeterminação de uma sociedade livre e democrática nasce exactamente da capacidade dos respectivos cidadãos se autodeterminarem, com base na sua vontade e no seu esforço, num exercício de existência difícil e complexo.

Nestes pressupostos, a discussão acerca do papel da educação é inconclusiva. Deverá a educação assumir-se como o elemento neutro – mas potenciador – do desenvolvimento pessoal de cada indivíduo, assumindo-se como reveladora daquilo que cada um é e tornando visíveis as diferenças que cada um transporta ou, ao invés, assumir-se como uma variável que induz mudanças deliberadas e decididas exteriormente ao indivíduo, atenuando ou acentuando as diferenças, de acordo com as finalidades que sempre acaba por servir?

O que dever ser, presentemente, a educação? Um bem que se compra e que se vende, que está, ou que não está, acessível? Um bem que disponibiliza, universalmente, tudo, a todos, de todas as formas e em todos os momentos – recordando Comênio –, ou algo que se adquire, em quantidade e qualidade directamente proporcional à quantidade e qualidade da condição socioeconómica? Uma realidade que é, simultaneamente, um mínimo universal, assegurado pelos sistemas públicos e um máximo restrito, assegurado pelo saldo bancário de cada indivíduo? Uma narrativa global que integra apêndices locais ou um mosaico complexo que só se torna num verdadeiro *todo* quando a totalidade das parcelas se relacionam e se completam, independentemente da dimensão ou da localização? Uma arena onde desaguam todas as pressões geradas pelas correntes que visam a hegemonia das ideias e dos quotidianos ou um espaço de liberdade onde cada pessoa pode aprender a decidir ser aquilo que é ou quer vir a ser?

A resposta a estas e a muitas outras questões, que a presente obra nos coloca, está dentro de cada um de nós. Há determinadas escolhas que determinam o destino, porque o constróem. A principal resistência a todas as tentativas que nos vão chegando, de todos os lados, solicitando-nos que existamos, é existirmos. Existirmos, fazendo dessa existência uma afirmação da nossa liberdade, num exercício que não pode ficar esquecido no silêncio enganador das sociedades presentes, nas quais parece só existir quem, de facto, se demite, quotidianamente, de existir.

Há felicidades que não podemos aceitar porque o preço que nos fazem pagar é demasiado alto. O conforto que nos é proporcionado por

existências *normais* é alienador da nossa liberdade e demite-nos da nossa responsabilidade de decidir o nosso próprio futuro. A educação – quer ela ocorra nos bancos da escola, na mesa da refeição, no écran de uma televisão, no monitor de um computador ou na relva de um jardim – deve-nos tornar proprietários de nós próprios e decisores do nosso futuro.

Quando começamos a conjugar os verbos essenciais da nossa vida na primeira pessoa do singular, iniciamos a construção da nossa liberdade num caminho que nos levará à respectiva conjugação na primeira pessoa do plural. Aí chegados, sentimo-nos mais fortes e acompanhados. Somos, juntamente com outros que, como nós, também são aquilo que desejam ser. É neste momento que sentimos a força suficiente para resistirmos ao conformismo que decorre da conjugação dos verbos na terceira pessoa do plural. É aí que sentimos que *eles* não decidirão a nossa vida.